

## A GEOGRAFIA DAS REPRESENTAÇÕES E SUA APLICAÇÃO PEDAGÓGICA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Salete Kozel Teixeira \*  
Amélia Regina Batista Nogueira \*\*

### RESUMO

O presente trabalho objetiva ampliar as discussões a respeito da Geografia que os cidadãos constroem a partir da apreensão do espaço vivido. Procuramos através de experiências realizadas com alunos diagnosticar esta percepção e representação do espaço.

A partir do debate sobre "MAPAS MENTAIS", respaldado em vários autores, encaminhamos proposições visando o entendimento do conceito de Geografia e sua importância no cotidiano das pessoas.

### I - INTRODUÇÃO

Vivemos hoje no mundo das imagens, das realidades virtuais e das representações norteadas pela tecnociência e seus reflexos.

A subjetividade permeia as diversas análises e visões de mundo, resgatando a importância da identidade das pessoas e dos lugares.

Urge portanto, levantar os fundamentos e implementar no ensino de Geografia tais enfoques que com certeza só servirão para enriquecê-lo e valorizá-lo

Assim sendo, pretendemos através desta pesquisa destacar o seguinte:

- a) Levantar um aporte teórico referente a Geografia das Representações e mapas mentais;
- b) Apresentar os procedimentos e análises realizadas na aplicação de trabalhos pedagógicos

voltados ao ensino da Geografia no 1.º e 3.º graus;  
c) Destacar a importância desses trabalhos para o ensino de geografia.

### II - SIGNIFICANTES E SIGNIFICADOS NA GEOGRAFIA... "AS REPRESENTAÇÕES"

Desde a mais remota época o homem sempre esteve preocupado em desvendar e representar o espaço por ele trilhado. Num primeiro momento, através das pinturas rupestres, nas paredes das cavernas, posteriormente impressos nos mais diversos tipos de materiais.

Essas representações eram provenientes da percepção que os grupos humanos tinham de seu ambiente, impregnados de valores da sua própria cultura.

---

(\*) Profa. Assistente do Departamento de Geografia - UFPR-PR.

(\*\*) Profa. Assistente do Departamento de Geografia - UFAM-AM.

A partir da revolução científica, que tem seu auge na Europa do século XIX, essas representações adquirem cunho matemático e codificação própria, constituindo assim a Cartografia. A cartografia como ciência e recurso preciso da representação espacial passa a desconsiderar os mapas que não estivessem dentro dos padrões estabelecidos, principalmente os produzidos por culturas não europeias.

Atualmente essa abordagem tem sido repensada pela comunidade de cartógrafos e pesquisadores como Harley (1991) têm defendido a importância do reconhecimento de todo e qualquer tipo de representação como uma forma de linguagem das diferentes civilizações. Segundo ele essa linguagem *"une o objetivo ao subjetivo, a prática aos valores, o mito ao fato comprovado, a precisão à aproximação... permitindo assim entender o verdadeiro significado de 'VER' ..."*.

A percepção do homem a respeito de seu ambiente está ligada, portanto, à imagem subjetiva produzida por sua mente, referendada pelas relações afetivas, políticas e culturais. Essa abordagem tem como um dos principais precursores Yu-fu Tuan (1980) que criou o conceito de "Topofilia" para designar essa ligação afetiva do indivíduo ao lugar ou ambiente físico.

Ao considerar a subjetividade nas análises espaciais a geografia adquire um carácter mais abrangente de análise, tangenciando a psicologia, sociologia e a antropologia, enriquecendo o "fazer geográfico".

Esse novo enfoque permeia pela Geografia desde meados da década de 60, contrapondo-se à Corrente Teórica Quantitativa, que, ao analisar o espaço geográfico, transformava todas as relações em equações numéricas e o homem a apenas mais uma variável.

Ao resgatar a percepção humana com relação ao espaço e sua subjetividade na construção

das representações mentais a geografia embasa-se no método fenomenológico. Portanto, o suporte teórico e filosófico dos criadores e seguidores dessa nova Corrente Geográfica encontra-se na Fenomenologia, no Existencialismo e em outras escolas de filosofia crítica, que têm como base os valores e representações.

A leitura fenomenológica propicia a análise da relação entre a identidade do espaço e o mundo vivido, o que é destacado por Betanini (1982), quando afirma que: *"os objetos que constituem o tecido das relações espaciais foram dotados pelo homem, de significados: o espaço portanto 'fala' ..."*. Cabe à leitura fenomenológica desvendar os diversos sentidos desta fala, seja através de representações e mapas mentais, representações de conceitos espontâneos ou valores atribuídos à geografia e ao espaço.

Segundo Bailly (1985), a Geografia das representações tem como preocupação entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como postulados principais: *"que o conhecimento humano é adquirido através de experiências, temporal, espacial e social; e que as representações e o imaginário revolucionam a gênese do conhecimento, existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas"*.

A abordagem aqui levantada vem no sentido de valorizar esta questão, pois ao nos referirmos à localização e orientação, não estamos nos atendo à cartografia sistemática. Nossa preocupação neste momento é pensarmos como os homens se orientam e se localizam no espaço sem ter um referencial técnico desta situação. Levaremos em conta a aprendizagem adquirida a partir dos percursos e vivências do cotidiano na sua apreensão individual do espaço. Assim sendo estaremos valorizando o conhecimento espacial percebido, vivido e construído pelos homens no seu dia a dia.

A Geografia diante deste enfoque não pode deixar de considerar o indivíduo como construtor de imagens a partir de sua própria percepção de mundo.

Assim sendo as representações são advindas do real, filtradas pelas criações sociais e individuais. Essas imagens, quando expostas através de representações simbólicas, considerando localizações, orientações e lugares referenciais, se constituem nos Mapas Mentais.

E como nos diz Freire (1995) ... *"tais mapas articulam o real e o imaginário, definem cartografias e não podem ser totalmente desvendados pela razão"*.

### III - ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO... "OS MAPAS MENTAIS"

Como já salientamos o conhecimento espacial que os homens adquirem são também resultados das imagens mentais que estes constroem ao vivê-lo e percebê-lo. Essas imagens os levam a construir um espaço mental que segundo Lefevre (1976), *"é percebido, concebido e representado pelos homens"*.

Esta representação concretiza-se a partir da elaboração de mapas mentais, estes traduzem imagens da estrutura espacial que cada homem vivencia. Essa discussão que valoriza o conhecimento cotidiano dos homens dá início a uma nova etapa nas produções geográficas.

*"O suporte teórico e filosófico dos criadores e seguidores da nova corrente geográfica encontra-se na fenomenologia, no existencialismo e em outras escolas de filosofia crítica que tem como base os valores e representações mentais da humanidade, seja do ponto de vista do indivíduo, seja do ponto de vista dos grupos sociais"*.

As discussões a respeito dos "mapas mentais" há muito vêm sendo objeto de análise e tra-

balho de profissionais de diversas áreas. Inicialmente foram desenvolvidas pelos psicólogos, mas logo foram percebidas e tomadas por urbanistas, arquitetos, sociólogos, antropólogos e geógrafos.

Nos ateremos aqui aos trabalhos dos geógrafos e aqueles que começaram a debater a problemática da percepção do meio e do comportamento humano. Porém, vale ressaltar a contribuição a esta discussão dada pelo arquiteto e urbanista Kelvin Lynch em sua obra *"Imagem da Cidade"* (1980), onde leva em conta a percepção espacial dos indivíduos para estudar a cidade e propor novas formas de planejamento.

Entre os geógrafos um dos primeiros que chamou atenção para a necessidade de efetuar estes estudos foi David Lowenthal em 1961, que fazendo uma ampla síntese dos trabalhos precedentes da Psicologia explorou as *"Geografias pessoais"*, que além de analisar a influência da estrutura social, contexto cultural e histórico da construção do espaço leva em conta também a visão do homem enquanto indivíduo que possui experiências próprias de relação com o espaço, e que ao longo do tempo são partilhadas com um coletivo maior traduzindo muitas vezes a concepção que determinadas comunidades têm dos lugares. Embora ele tenha iniciado na Geografia essas discussões é só em 1974 com Gould e Whither que aparece a denominação *"Mapas Mentais"*. Eles consideram ser os mapas mentais as imagens espaciais que estão na cabeça dos homens não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes, construídos pelas pessoas a partir de seus universos simbólicos, sendo estes produzidos através dos acontecimentos históricos, sociais e econômicos divulgados.

Os trabalhos de Gould e Whither foram utilizados nas áreas de planejamento urbano e regional como instrumento de investigação de como as pessoas viam os seus lugares, qual a imagem

que eles tinham e o que poderiam traçar para melhorá-las. Demonstram ainda que *“diferenças percebidas entre várias partes da superfície da terra afetam os movimentos (migratórios) de tipo muito diferentes”*.

Eles explicam neste trabalho as formas pelas quais mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, feitas de lugares imaginários mas são sobretudo imagens que por serem adquiridas por homens reais, sujeitos históricos, reproduzem lugares reais, vividos produzidos e construídos materialmente.

Além desses autores, muito contribuíram para este debate os geógrafos Tuan (1975) e Capel (1975) que também tiveram em suas preocupações teóricas de construção da ciência geográfica a questão da relação do homem com o espaço através de suas percepções mentais. Estes autores, em alguns trabalhos, ora concordam com a existência de mapas mentais ora discordam, o que muito valorizou o aprofundamento teórico dessa análise.

Como nosso interesse maior é salientar a importância desta discussão no ensino de Geografia, fomos investigar quais os autores que a ele se referiam, dentre eles ressaltaremos Gaspar e Marian (1975) que como nós apresentam preocupação com o ensino de Geografia. Os autores, levando em conta o conhecimento trazido pelos alunos, mostram a partir de mapas mentais por eles construídos que os desenhos que estes elaboram de suas cidades ou do bairro onde moram permitem ao professor entender qual o nível de organização e compreensão espacial deles para a partir daí melhor organizar suas aulas. Como mostram os autores *“os estudos das imagens mentais que os alunos têm de um território permitirão ainda ao professor corrigir anomalias ou preencher lacunas da informação geográfica dos*

alunos e tudo isto num nível ambiental atrativo, em que cada um se sente como participante na construção da sua própria geografia”.

Estes autores defendem a tese de que cada cidadão tem uma idéia sobre a organização do espaço num determinado território e essa idéia corresponde a uma imagem, um mapa mental, o qual eles colocam como sendo uma construção, ao longo do tempo, a partir de informações do tipo mais variado, informações estas adquiridas com as experiências vividas. O professor pode movimentar e dar um novo movimento às suas aulas a partir da investigação de como os alunos percebem o mundo para a partir daí pensar por onde começar a discutir Geografia.

Outros nomes importantes na Geografia que chamaram atenção para o aproveitamento do conhecimento cotidiano dos alunos enquanto recurso didático foram Bailly e André (1989). Estes autores entendem que o homem conhece e apreende seu território, portanto, este saber tem que ser levado em conta, tem que ser buscado na perspectiva de entender o mundo, *“é imperativo levar em conta que os alunos têm representações espaciais, mas que pré-adquiridas devem ser consideradas como um sistema explicativo, coerente e operacional”*. Uma das formas de o professor perceber este conhecimento é através dos mapas mentais que estes constroem do mundo ou dos seus lugares de vida.

Segundo André (1989), cada indivíduo estabelece com seu espaço relações de natureza topográfica ou sentimental, elabora em sua cabeça uma carta dos lugares, as cartas mentais. *“Essa carta tem a evidência nada a ver com a carta topográfica ou plana geométrica, mas ela apresenta-se por suas funções”*. Pois ela também é utilizada no sentido da localização e da orientação e ainda da informação.

As cartas mentais, segundo ele, são as representações do real e são elaboradas através de

um processo no qual relacionam-se percepções próprias (visuais, olfativas), as lembranças, as coisas conscientes ou inconscientes ou pertencer a um grupo social, cultural, assim, e em seguida através de filtros nasce uma reconstrução, a carta mental. Essas não são produtos mentais estáticos, eles evoluem. São produzidas tanto individualmente quanto coletivamente através das percepções e das representações do grupo social à qual o indivíduo pertence. Ele reconhece ainda que o conhecimento trazido pelo aluno sobre o espaço é primordial nas análises de Geografia, pois é impossível fazer o ensino da Geografia ser “menos enfadonho” sem resgatar o que o aluno apreendeu do espaço vivido por ele, sem levar em conta as representações que estes são capazes de descrever sem grandes esforços. O autor chama atenção ainda que o professor, ao analisar os mapas mentais elaborados pelos alunos, deve levar em conta a faixa etária, pois os mapas mentais ao serem representados no papel através dos desenhos revelam uma evolução com a idade.

André em trabalho conjunto com Bailly percebeu que os mapas mentais produzidos por alunos com faixas etárias diferenciadas apresentavam diferentes níveis de complexidade. Todos esses trabalhos de André são ressaltados por Bailly (1989) que também entende que é primordial o professor entender qual a visão de seus alunos de mundo através deles próprios, classificando as cartas mentais como *“um produto, quer dizer, representação que uma pessoa dá de seu entorno espacial, ela permite fixar imagens de uma área dada e executar os limites dos conhecimentos espaciais”*.

Para Bailly um dos objetivos das cartas mentais consiste em ... *“conhecer o nível de espacialização dos alunos”*. Para melhor encaminhar os debates em sala de aula o professor precisa entender como os alunos vêem o lugar que habitam, como eles o percebem, aproveitando o máximo o conhecimento

de seu lugar. Depois disso prossegue-se uma discussão inserindo o “espaço mundo”. Esta Geografia *“certamente não se trata de uma Geografia ensinada “por cima” que através da visão do mestre-intermediário indispensável a imposição do ponto de vista do Estado-Nação descarrega nomenclaturas e exemplos ideográficos. Nós fazemos uma Geografia por “baixo”, que leva o aluno a observar, medir, ler, conceitualizar o vivido e representar a partir dos seus elementos de base de seu conhecimento, uma Geografia onde o mestre tem por objetivo pedagógico revelar as potencialidades dos alunos e de ajudar a valorizar”*.

O professor com esses elementos para debate poderá inserir o aluno na discussão espacial, levando em conta a importância que tem o conhecimento local do espaço para o entendimento deste como um todo. É valorizando as experiências de vida do cidadão-aluno com o espaço, que conseguiremos fazer da Geografia uma disciplina menos “inútil” nos currículos escolares dando-lhe uma importância maior para o conhecimento do mundo. Os mapas mentais servem como estratégia para os professores perceberem como os alunos estão representando o seu mundo.

#### IV - O DESVENDAR DOS CONCEITOS E DOS LUGARES: “O VIVIDO”

Visando salientar a importância do uso das representações gráficas no ensino da Geografia, apresentamos neste item trabalhos que realizamos com alunos de diferentes faixas etárias, pertencentes a escolas de 1.º grau localizadas em Manaus-AM, e alunos da UFPR-PR do Curso de Geografia, nas disciplinas de Fundamentos em Geografia e Percepção em Geografia, integrantes do currículo do curso.

Estas atividades foram desenvolvidas com diferentes objetivos, embora tivessem como fio condutor o “vivido” e o resgate da identidade do

lugar, o significado do espaço apreendido pelos alunos.

Neste contexto a categoria "lugar" traduz os espaços com os quais se tem vínculos afetivos, as referências pessoais e o sistema de valores.

#### IV.1 Dos mapas mentais aos mapas reais

Como vimos os mapas mentais são construções mentais de um mundo real, concreto, sobretudo vivido por homens concretos que os produzem. Pensamos que esta discussão pode ser resgatada ao introduzirmos em nossas aulas o conceito de mapa, mostrando a partir dos mapas mentais que cada um constrói que os mapas técnicos, os que servem para as nossas aulas como produto de orientação e localização, também partem desses mundos vividos, também são construções desse mundo conhecido por nós, e que apesar de se mostrarem absolutos, contêm informações relativas e subjetivas.

Entendemos que só conseguiremos fazer com que os alunos se interessem pelo estudo nos mapas se estes o compreenderem, se eles conseguirem captar qual a utilização dos mesmos e como estes podem contribuir no seu dia a dia.

Através da valorização dos mapas mentais desenhados pelos alunos podemos desmistificar a superioridade técnica das construções dos mapas oficiais. Mostrando que as representações que estes constróem podem vir a ser um "verdadeiro mapa" se trabalhados com recurso técnicos, pois como vimos os mapas mentais são como os "oficiais" representação do espaço real, do mundo real, diferindo apenas em precisão.

Através dos mapas mentais dos percursos desenhados pelos alunos podemos começar a discutir com eles como este percurso é representado tecnicamente, o que está no desenho que ele construiu também estará nos mapas tecnicamente ela-

borados. A partir daí podemos trabalhar com os símbolos que apareceram nos mapas oficiais, fazendo com que o aluno tente substituir o que está no seu desenho por esses símbolos.

Outra noção cartográfica que poderá ser introduzida é a de proporcionalidade, visto que os mapas mentais não obedecem esta noção. Observa-se que em alguns desenhos dos mapas mentais os objetos aparecem com tamanhos bem diversificados como mostram os mapas (ANEXO 1), muitas vezes objetos que no real são maiores aparecem menores e assim sucessivamente. Vimos aí traduzidas uma carga muito grande de subjetividade, as pessoas captam da realidade aquilo que mais lhe chama atenção ou o que mais usam no seu dia a dia. Ao trabalharmos essa complexidade poderemos discutir o fato de que em cartas oficiais esses tamanhos são padronizados e aparecem com seus tamanhos preservados.

É importante ainda detectar através dos mapas mentais o fato de que muitas vezes neles estão contidas informações que só dizem respeito a quem desenhou (ANEXO 2) e os mapas tecnicamente construídos superam esse problema.

Como vimos podemos utilizar as cartas mentais também na introdução das primeiras noções de cartografia e demonstrar para os nossos alunos que os mapas não estão tão distante de nós, fazendo parte integrante de nosso cotidiano (ANEXO 3).

#### IV.2 O desvendar dos lugares

Tendo em vista os objetivos propostos pelo Curso de Percepção em Geografia que integra o currículo de Geografia na UFPR-PR que tem por ementa: *Conceituar "elementos básicos de percepção possíveis de aplicação na análise perceptiva, caracterizar a percepção como instrumental de pesquisa e aplicar estratégias de percepção em pesquisa experimental*

no espaço geográfico”, nos propusemos a iniciar o trabalho com os alunos investigando a percepção dos mesmos em relação ao espaço por eles “vivido”, o Campus do Centro Politécnico da UFPR no qual funciona o Setor Tecnologia onde o curso de Geografia se insere. É importante considerar ainda que esta disciplina é ofertada aos alunos do 3.º ano, portanto não alunos iniciantes, e já estão se relacionando com este lugar a algum tempo.

Assim sendo solicitamos que mapeassem este espaço, destacando as principais referências, demarcando inclusive a sala de aula onde estávamos (PH-11) e a orientação. Com o intuito de discutir a importância e a validade deste trabalho selecionamos 11 dos mapeamentos os quais selecionamos em 3 grupos pelas suas especificidades:

GRUPO 1- Mapeamentos que mais se aproximam do “Real” (ANEXO 4)

Com relação a este grupo podemos detectar maior identificação com o lugar, visão ampla do espaço ocupado pelo Campus, orientação referencial e riqueza de detalhes. Ao investigar estes alunos, posteriormente, pudemos deduzir que eles apreenderam melhor o espaço por possuírem maior identidade com o lugar, o qual além de ser o “locus” de suas aulas também é o de outras atividades de trabalho (estagiários, bolsistas etc.).

GRUPO 2- Mapeamentos indicam percepção parcial do espaço (ANEXO 5)

Este grupo identificou apenas parte do espaço do Campus, ou seja, o Bloco central, ocupado pelo Setor Tecnologia, onde se insere o Departamento de Geografia e consequentemente a sala de aula PH-11 onde nos

encontrávamos na ocasião. Notamos nesse caso a redução da visão espacial, condizente com a identidade que tinham com o lugar, onde vinham apenas assistir aulas.

Um detalhe interessante também a ser observado é que os alunos usuários do transporte urbano para ter acesso ao Campus desenharam as Estações Tubo do Ligeirinho e os que circulam com seus carros identificaram apenas os estacionamentos.

GRUPO 3 - Mapeamentos com percepção distorcida do espaço real (ANEXO 6)

Nesse caso pudemos observar situações completamente diferenciadas das anteriores, caracterizado por visões muito particulares do espaço em questão. Estes alunos não possuem identidade nenhuma com o lugar e estão apenas de passagem, inclusive não gostam do curso que fazem.

Portanto, ao analisarmos o desenvolver desta atividade, percebemos a importância e validade da mesma como diagnóstico na compreensão da visão de mundo dos alunos e partir daí para outras atividades destacando a importância da percepção do espaço nas pesquisas experimentais.

#### IV.3 A imagem x conceito geográfico

Com o intuito de ressaltar a validade do trabalho com as representações gráficas, evidenciaremos neste item o desenvolvimento de um trabalho realizado com alunos iniciantes no curso de Geografia com o intuito de construir o conceito de Geografia. Esta atividade foi desenvolvida na disciplina de Fundamentos em geografia que

integra o currículo da UFPR-PR, sendo ofertada ao 1.º ano.

A proposta foi trabalhar a comunicação visual, ou seja, a representação gráfica do conceito de geografia, pois acreditamos que precisamos resgatar as imagens como informação e comunicação, principalmente por estarmos vivendo essa realidade.

Após relutância da turma com relação ao “desenhar”, o que para muitos significa atividade apenas artística, e aqueles que não têm muita habilidade para tal abominam, pudemos observar de forma gratificante o resultado alcançado. Solicitamos que traduzissem de forma gráfica o que eles entendem por Geografia, destacando os elementos que estariam implícitos ao conceito.

Ao analisar os trabalhos produzidos por eles pudemos levantar a visão o grupo a respeito do assunto e construímos juntos a partir dos elementos levantados anteriormente.

Para exemplificar essa proposta escolhemos 11 imagens representando 3 situações selecionadas para discussão:

GRUPO 1- Geografia relação Sociedade/Natureza (ANEXO 7)

Deixam evidentes os elementos Sociedade x Natureza e sua relação está explícita na imagem, assim como no conceito de Geografia.

GRUPO 2- Geografia - Não tenho certeza! Incitam a dúvida...(ANEXO 8)

Neste grupo a situação é bastante diversa. Incita a dúvida. Qual seria a relação estabelecida com o homem e o seu ambiente?

Seria apenas um observador inconseqüente a descrever suas paisagens?

Ou os homens ainda não têm clareza suficiente quanto ao seu papel nesta relação com o seu ambiente e a sua morada... o Planeta Terra? A humanidade ainda teria que pensar sobre isso e descobrir-se na relação.

Poderiam quem sabe até descobrir-se como agentes do processo de transformação. E diante dessa indagações, o que seria Geografia?

Realmente esse grupo não tinha clareza alguma quanto ao conceito, estando ainda presos aos ensinamentos da Geografia “da contemplação e da decoreba”.

GRUPO 3 - Os espaços são produzidos a partir da Relação Sociedade/Natureza - E isto é Geografia... (ANEXO 9)

A compreensão deste grupo em relação ao conceito de Geografia é muito mais aguçada, destacando sua importância como prática social que reflete as ações humanas no próprio ambiente, evidenciando o homem como Produtor do espaço geográfico, estando explícita a sua responsabilidade com o ambiente.

Portanto de forma sintética destacamos mais essa atividade que demonstra a importância e a validade do trabalho referendado pela Geografia das Representações.

## V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo primordial desse seminário foi portanto o de ressaltar a importância da Geografia das Representações, principalmente na forma de MAPAS MENTAIS, para enriquecer o ensino



de Geografia, instrumentalizando-o para uma maior compreensão e interesse por parte dos alunos, identificando inclusive a sua importância como agentes na construção e apreensão do espaço a partir de suas vivências, do seu cotidiano, da sua realidade e visão de mundo.

O que nos propusemos mostrar através de alguns exemplos de nossa experiência como professores na preocupação constante em valorizar a Geografia e sua importância na formação de cidadãos críticos responsáveis e participativos.

## VI - BIBLIOGRAFIA

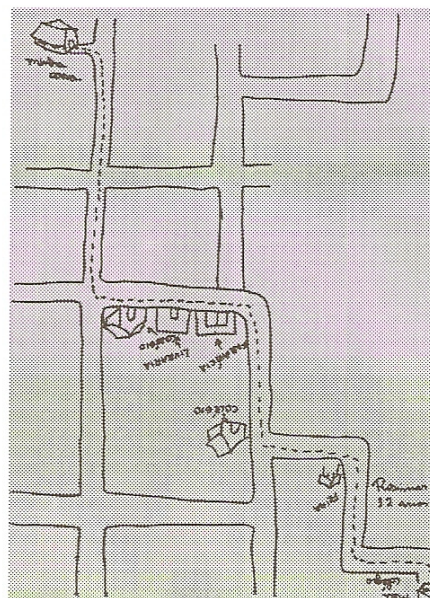
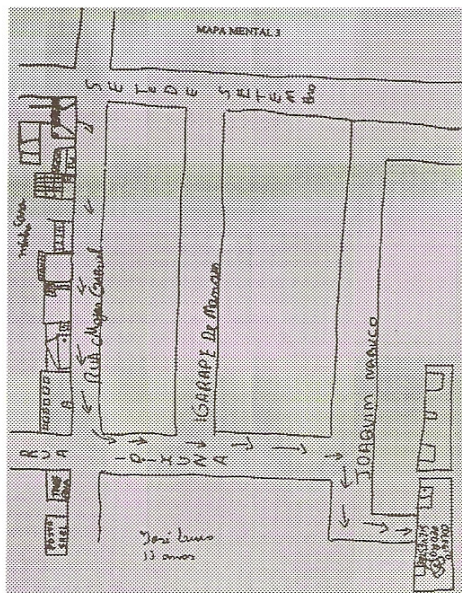
- ANDRÉ, Y. Lire et dire l'espace. L'utilisation des représentations pour un apprentissage 'la lecture et à la maîtrise de l'espace. In: *Représenter l'espace*. Paris. Anthropos, 1989.
- \_\_\_\_\_. Les cartes mentales. In: *Représenter l'espace*. Paris. Anthropos, 1989.
- BAILLY, A. Enseigner les representations regionales, géographie régionale, images mentales et cartes mentales. In: *Représenter l'espace*. Paris. Anthropos, 1989.
- BETTANINI, T. *Espaço e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CAPEL, H. Percepcion del medio y comportamiento geográfico. *Revista de Geografia de la Universidad de Barcelona*. v. VII, 1 e 2. Enero-diciembre, 1973.
- CLARY, Maryse. La ville a L'école élémentaire structuration d'un espace de pratique quotidienne. In: *L'Information Géographique*, Paris, 1987.
- FREIRE, M. C. M. *Além dos mapas. Os movimentos no imaginário urbano. Um estudo na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, USP, 1995.
- GASPAR, J. ; MARIAN, A. A percepção do espaço. *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, v. X, 20, Lisboa, 1975.
- GOULD P.; WHITER R. *Mental Maps*. Hermonds Worth, Penguin Books, 1974.
- HARLEY, J. B. A nova história da cartografia. *O correio da Unesco*, v.19 n. 8, p. 4-9, 1991.
- LEFEVRE, H. EL espacio. In: *Espacio y política*. Barcelona. Península, 1976.
- LINCH, K. *A Imagem da Cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- KOZEL, S. ; FILIZOLA, R. *Memórias da Terra o Espaço vivido*. São Paulo, FTD, 1996.
- LOWENTHAL, D. Geography, experience, and imagination: towards a geographical Epistemology. *Annals, ASS Of Amer.Geographers*, v. 51, n. 3, p. 241-60. September, 1961.
- NOGUEIRA, A.R.B. *Mapa Mental – recurso didático no ensino de geografia no 1º grau*. Dissertação de Mestrado. Dep. Geografia da FFLCH-USP. São Paulo, SP, 1994.
- OLIVEIRA, L. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. *Geografia*. Rio Claro, v. 2, n. 3, 1977.
- SIMIELLI, M.E.R. *Cartografia e ensino: proposta e contraponto de uma obra didática*. São Paulo, FFLCH-USP, 1997. 240p. (Tese de Livre Docência).
- \_\_\_\_\_. *O mapa como meio de comunicação: implicações no ensino de Geografia do 1º grau*. São Paulo, FFLCH-USP, 1986. 205p. (Tese de Doutorado).
- TUAN, Y. Images and mental maps. *Annes of the Association of American Geographers*. v. 65, n. 2, Jun. 1975.
- \_\_\_\_\_. *Topofilia*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1980.

## ABSTRACT

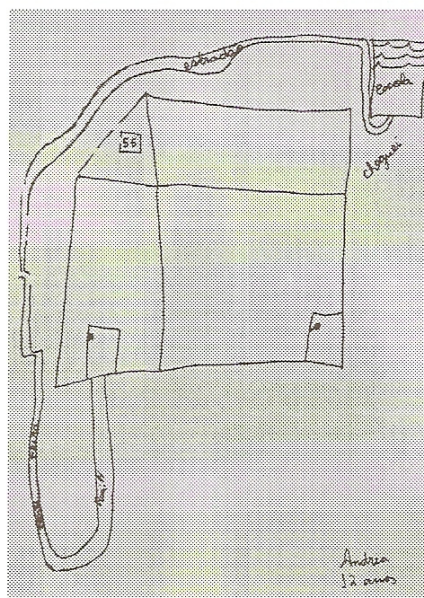
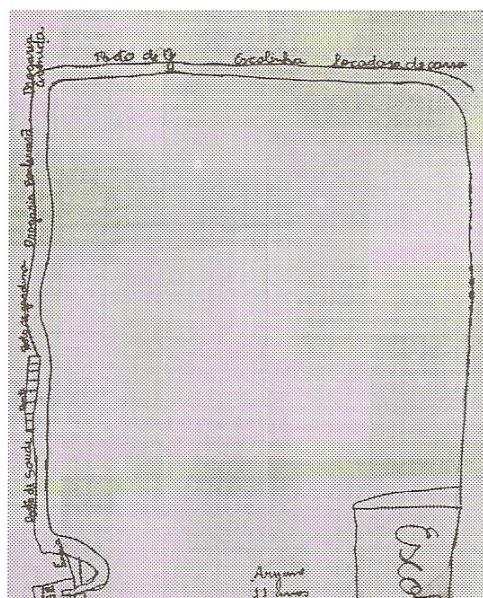
The current work is aimed to broaden the debates on the Geography that citizens built out from the getting of the space lived. Throughout experiences achieved with students we seek to diagnose this perception and representation of the space.

Starting from the debate about "MENTAL MAPS" grounded on various authors we conduct propositions taking aim to understanding the concept of Geography and its importance on people's daily life.

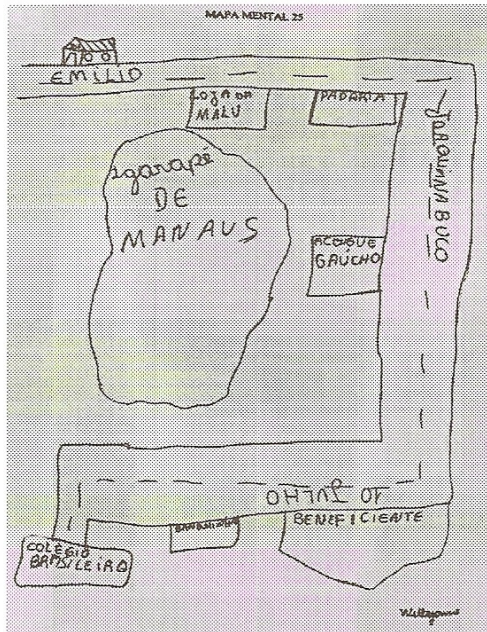
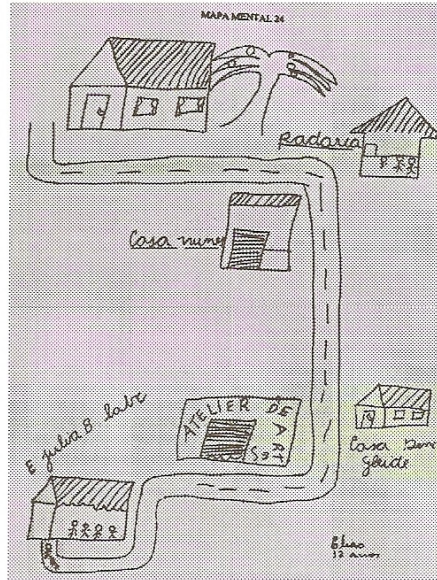
### ANEXO 1



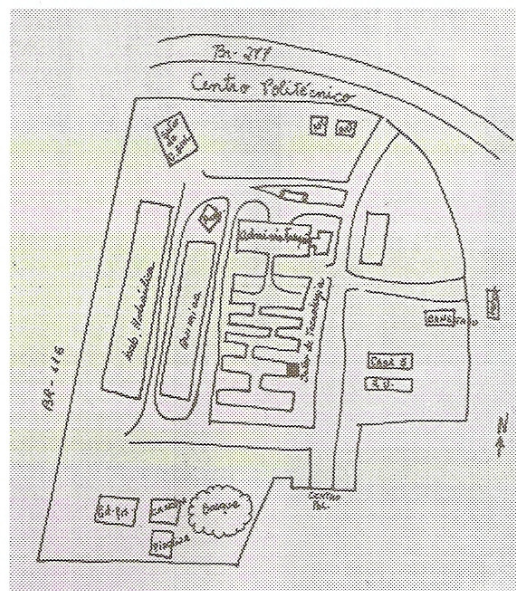
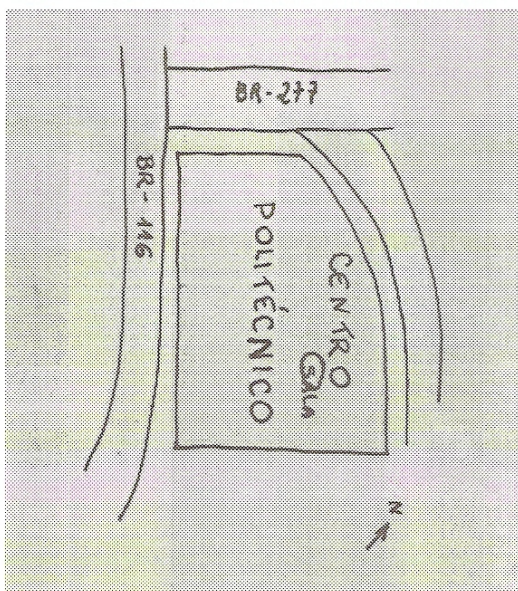
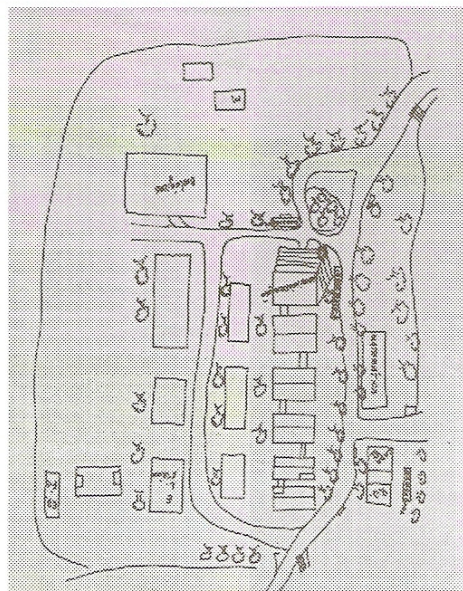
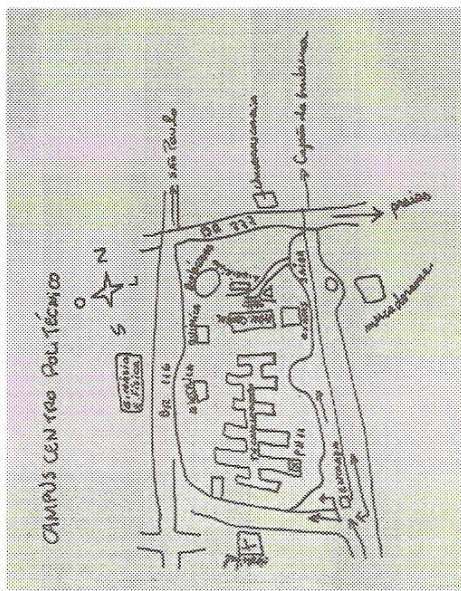
### ANEXO 2



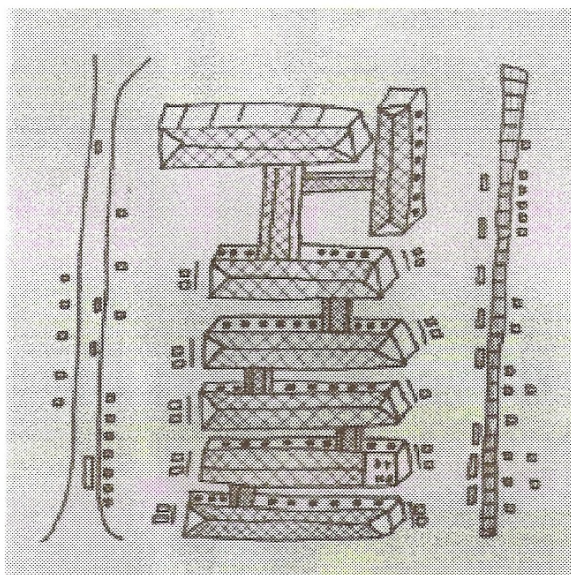
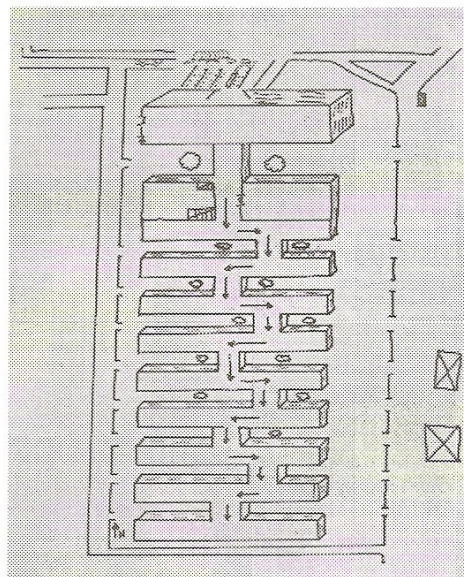
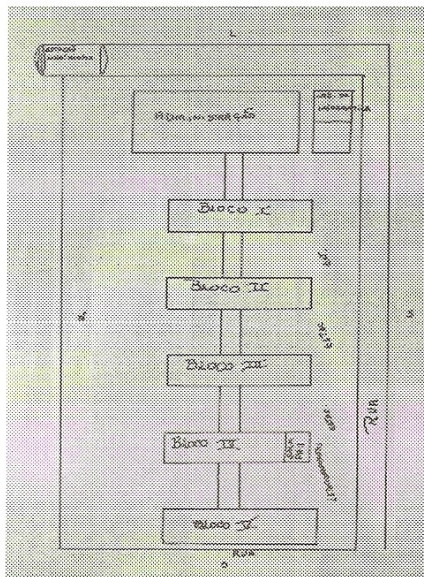
### ANEXO 3



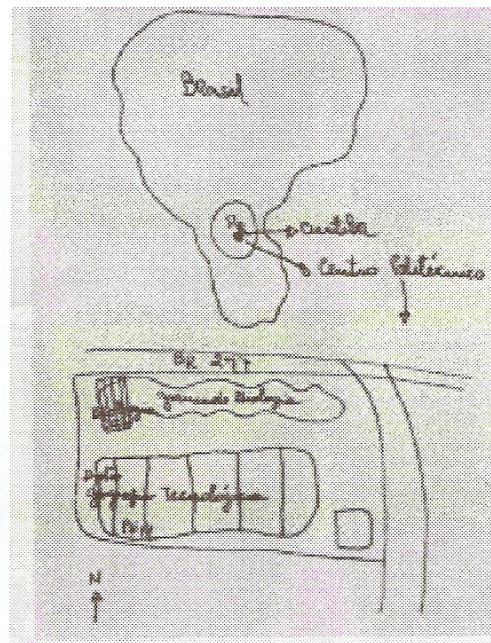
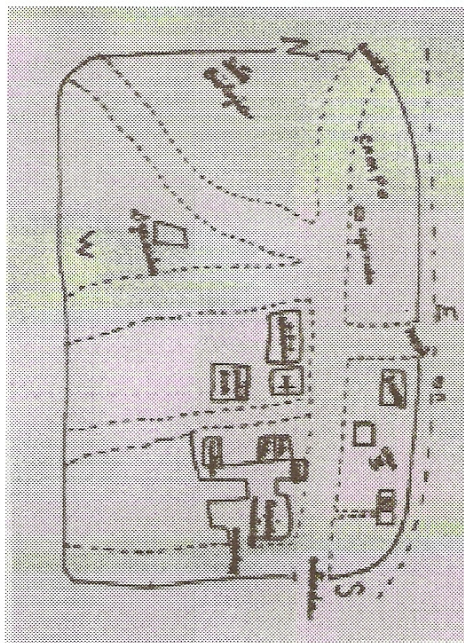
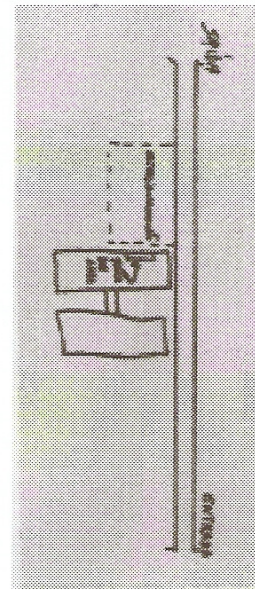
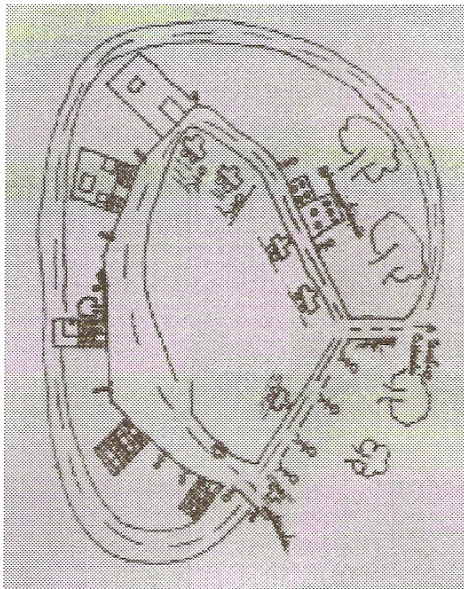
### ANEXO 4



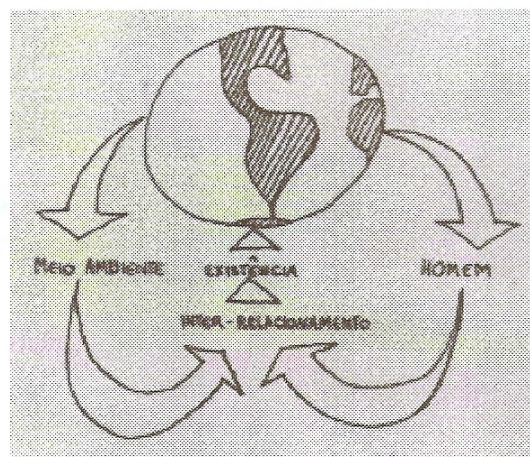
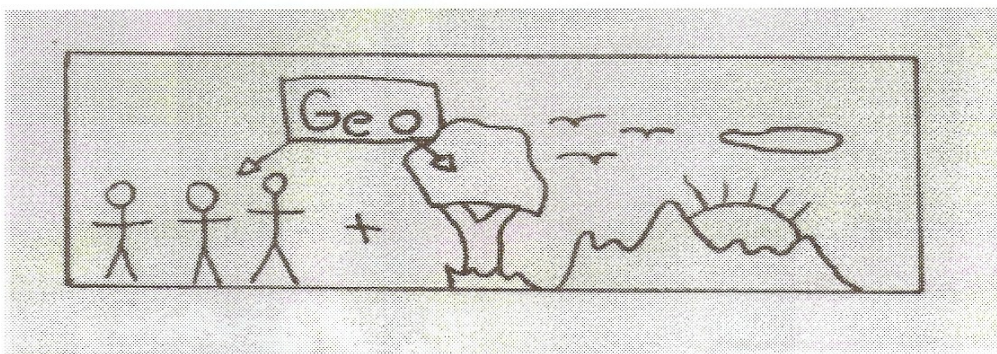
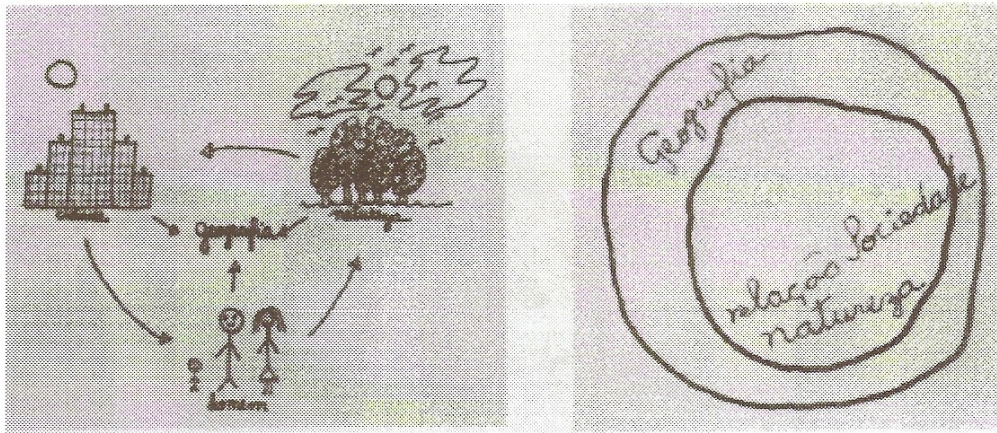
### ANEXO 5



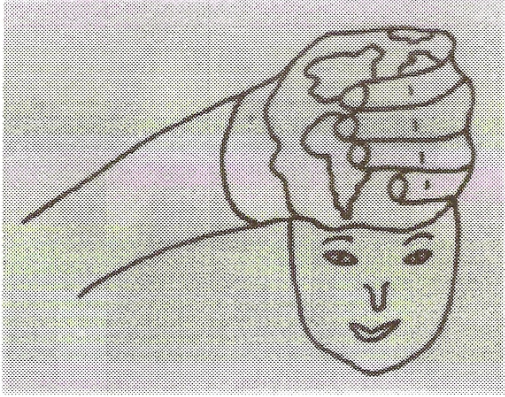
ANEXO 6



ANEXO 7

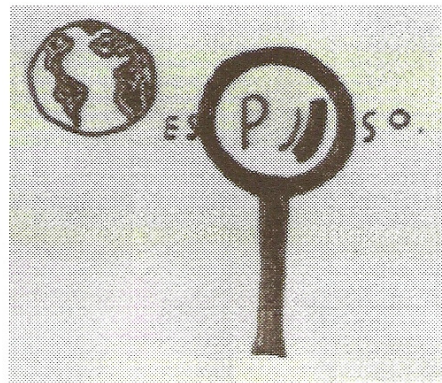


ANEXO 8



PENSO?

OBSERVO?



OU ME INTEGRO  
A ELE ?



### ANEXO 9

